

PALAVRAS, PALAVRÕES: A SEXUALIDADE ESCONDIDA

**Eliane Rose Maio Braga (Universidade Estadual de Maringá – PR)
Paulo Rennes Marçal Ribeiro (UNESP-Araraquara)**

Palavras, “palavrões”, sinônimos, fala popular... O que significam? O que têm a ver com a expressão sexual, ou então, com a repressão sexual? Como a verbalização e a escrita das palavras relacionadas à sexualidade têm importância na questão da Orientação Sexual, na escola? Refletindo sobre essas questões, entre as diversas que permeiam a temática da sexualidade no ambiente escolar, construímos uma proposta de discussão sobre o assunto neste trabalho, onde mostramos como as atitudes e os comportamentos sexuais são representados pelas palavras, ou mais especificamente, pelos sinônimos proferidos cotidianamente. Coletamos um total de 1.308 palavras que representam os nomes para a genitália masculina e feminina (pênis e vulva), para a masturbação e para relação sexual em seis estados brasileiros, compreendendo quatro regiões brasileiras em cursos de formação em Orientação Sexual Escolar, com a participação de 4.916 pessoas, sendo pais/mães e professores/as com idades entre dezoito a sessenta e oito anos. As palavras encontradas foram agrupadas em eixos temáticos e divididas em categorias, apoiadas na análise de conteúdo de Bardin (1977).

Nosso ponto de partida foi à diferença conceitual entre sexo e sexualidade com base em Weeks (2001), entendendo sexo como a denominação do nosso aparato biológico, anatômico, que se diferencia entre homens e mulheres, assim como um conjunto de práticas, atitudes e comportamentos vinculados à relação sexual resultantes das concepções existentes a respeito. A sexualidade é composta por “[...] uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas [...]”. (WEEKS, 2001, p. 43). Essas diferenciações são organizadas desde a concepção e os significados a elas associados são altamente históricos e sociais, sendo que Weeks acrescenta que “a sexualidade é, entretanto, além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, merecendo, portanto, uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosas” (WEEKS, 2001, p. 39). Tanto o sexo quanto a sexualidade são socialmente construídos e organizados, sustentados por uma variedade de linguagens que buscam dizer o que pode e o que deve ser expresso.

A sexualidade é tanto um produto da linguagem quanto de um processo cultural, histórico, envolvendo “[...] rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais” (LOURO, 2001, p. 11).

Usamos a linguagem para expressar tanto a sexualidade, quanto o sexo, as práticas, as atitudes, os valores e as concepções sexuais.

Assim, a partir de nossa atuação enquanto educadores e conferencistas em cursos de formação em orientação sexual, com deslocamentos por várias cidades do Brasil, nasceu a idéia de realizar uma investigação para constatar a relação da linguagem com as atitudes e os comportamentos sexuais na cultura brasileira, verificando como a expressão por meio de palavras poderia representar a intensidade da repressão sexual nas regiões brasileiras às quais tivemos acesso.

Para tanto escolhemos uma dinâmica de grupo denominada *Linguagem Popular* (SEBRAE, 1992) e a aplicamos em 4.916 sujeitos em seis estados brasileiros: Ceará, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Santa Catarina, compreendendo as regiões Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste.

A atividade aplicada envolve um rodízio de folhas de papéis contendo as palavras **Pênis**, **Vulva**, **Masturbação** e **Relação Sexual**, entre outras sete palavras (mulher, homem, seios, homossexual, testículo, menstruação e sexo oral). Para esta análise optamos pelas quatro primeiras, pois expressam mais objetivamente as questões que pretendíamos investigar.

Para a aplicação da dinâmica de grupo os/as participantes eram divididos em quatro subgrupos e registravam os nomes que lhes ocorressem naquele momento e que seriam sinônimos das palavras geradoras. Todos os grupos recebiam os quatro papéis, escrevendo sinônimos para os nomes pesquisados, desde que não se repetissem. Após o término do rodízio líamos todos os sinônimos, observando, principalmente, a forma como reagiam os/as participantes ao ser realizada a leitura.

As diferenças culturais encontradas nas palavras apresentaram-se significativas, mas não se mostraram tão extensas que merecessem detalhamento maior. Podemos não ter coletado todas as expressões populares e brasileiras dos nomes pesquisados, pois não tivemos acesso a todo o país, mas os dados obtidos são suficientes para nossa reflexão, e consideramos que seria muito interessante pesquisá-las em maior extensão.

O volume coletado já contempla nosso objetivo principal, que é analisar as atitudes e os comportamentos sexuais a partir dos sinônimos dados a genitália masculina e feminina, e a práticas sexuais.

As palavras colhidas foram analisadas em quatro conjuntos temáticos, baseados em Bardin (1977). O objetivo principal dessa dinâmica era o de introduzir a terminologia científica sexual e fazer com que os sujeitos se sentissem mais à vontade em relação a

ela e, conseqüentemente, acompanhassem melhor o curso que realizavam (SEBRAE, 1992, p. 151-152). Discutir estas palavras com os/as participantes nos permitia introduzir a temática da sexualidade, falando da repressão sexual e da importância de uma adequada orientação sexual na escola.

Ao longo da história, sempre houve uma preocupação com questões humanas ligadas à expressão sexual, na iconografia de vasos, tapetes, cálices para vinho, quadros, estátuas, e uma das formas de exteriorizá-la é a sua verbalização, tanto oral como escrita. Perguntamos a nós mesmos enquanto pesquisadores como estava essa verbalização a partir da revolução sexual dos anos 1960, qual o significado das palavras popularescas do cotidiano que expressavam a sexualidade ou as práticas e atitudes sexuais. Como, por exemplo, identificar e confirmar o que seria um palavrão? Afinal, alguns/algumas participantes verbalizavam que alguns sinônimos eram “palavrões”, e outros/as não os viam assim. E, por que será que são usados tantos sinônimos? Quantos recursos extremamente válidos e criativos para prover o vocabulário de expressões que traduzem nossos sentimentos! Quantos “palavrões” proferidos que podem servir para mascarar, agredir ou aliviar sentimentos relacionados à sexualidade! Sem contar que, como o sexo é permeado por mitos e tabus, talvez o eufemismo nos vários sinônimos sirva mesmo para suavizar e polir uma determinada palavra, com uma idéia de substituição para driblar ou se adaptar aos preconceitos sociais historicamente construídos.

Outra questão importante para refletir é a percepção do aspecto de irreverência inserido no senso comum¹ que está por trás dos sinônimos expressos, mostrando assim uma contradição em relação ao que é considerado oficial, em termos de vocabulário formal. Também é importante pontuar que não existem sinônimos perfeitos, mas que os sentidos apenas se aproximam, dentro de determinados contextos, ainda mais em se tratando de buscar equivalência entre um vocábulo formal da língua e seus correspondentes na linguagem informal. A sexualidade e o sexo, que tanto foram e ainda são reprimidos, mostram-se, então, também a partir das **palavras**. Palavras que usamos para designar objetos, ações, pessoas, expressões diversas e, entre elas, as denominações daquilo que consideramos as partes genitais do corpo e algumas práticas sexuais.

Neste trabalho, buscamos como objetivo geral, verificar e analisar quantos e quais são, na cultura brasileira, os sinônimos atribuídos aos órgãos sexuais masculino e feminino (**pênis e vulva**) e a duas práticas sexuais (**masturbação e relação sexual**).

Inicialmente constatamos que o valor semântico das palavras não é estático, mas

certas evoluções históricas, bem como regionais, sociais, políticas e culturais influenciam a sua transmutação ou a pluralidade de seus significados. Do mesmo modo, muitas palavras (neologismos, estrangeirismos etc.) são integradas à linguagem em sua forma original, antes de sofrer uma possível transformação/adaptação pelas regras que regem o idioma de acolhimento.

Portanto, o uso de palavras diferentes para os nomes dados a algumas atitudes e partes do corpo com conotação sexual sempre foi motivo de controvérsias.

A partir do momento em que nascemos, começamos a receber uma influência social que condicionará nossa maneira de ver o mundo e de estar nele. “Com a linguagem, aprendemos a primeira forma de dividir nosso universo em categorias. As palavras denominam as coisas, mas também fazem com que as agrupemos de uma determinada maneira em nosso pensamento”. (MORENO, 1999, p. 14). Acabam por classificar o nosso universo e, com certeza, isso depende dos interesses de cada sociedade, que diferem em determinados momentos históricos, contextos sociais, econômicos e culturais. Em relação à sexualidade isso fica muito evidente, principalmente nos sinônimos que encontramos neste trabalho.

Ao serem inseridas em um mundo que se faz no coletivo, as crianças aprendem uma linguagem, tanto verbal quanto não-verbal, que reflete o sistema de pensamento coletivo, e com ele se transmite uma grande parte do modo de pensar, sentir e atuar de cada sociedade.

Na verdade, as pessoas abandonam uma linguagem e optam por outra não porque a primeira seja falsa e a segunda verdadeira, mas porque a primeira é inadequada e a segunda adequada, dependendo assim da sua valoração, que não é implícita na pessoa, mas sim moldada socialmente. Assim ocorre nos inúmeros sinônimos que aparecem neste trabalho: uns são adequados para alguns/mas, outros inadequados, ora aceitos publicamente, ora evitados.

É importante enfatizar que algumas palavras trazem consigo um juízo de valor quanto a seu uso. E falar de sexualidade, empregando novas palavras que designam as partes genitais e algumas práticas sexuais traz uma variante ainda mais própria, mais íntima, para a discussão, pois elas podem criar confusões e até diferenciações em seu entendimento.

Aparece muito a dificuldade (expressa nas palavras) que as pessoas apresentam ao se referirem às partes do corpo relativas aos genitais e a algumas práticas sexuais. Parece que há a necessidade de se modificar a linguagem, como garantia de uma proteção psíquica e até social, para que possa ser mais bem aceita socialmente, como também para interiorizar uma maior tranquilidade.

Refletimos, nas palavras encontradas, sobre o que seriam “palavrões”. Buscamos, primeiramente, sua definição. “Palavrões” são considerados, por muitas pessoas, como obscenidades: palavras que deixam ruborizadas, escandalizadas ou exaltadas as pessoas que os proferem ou a quem são dirigidos. Obsceno, no dicionário Aurélio (1988, p. 987), significa aquilo que “1. Fere o pudor; impuro; desonesto. 2. Diz-se de quem profere ou escreve obscenidades”; quer dizer, fora de cena, em frente à cena (*ob*= em frente a; *sceno*= cena). Proferir uma obscenidade é apresentar em público algo não recomendável. Em situações sociais (ou seja, na frente dos outros, em cena) nem tudo pode ser dito.

Demos preferência à utilização das seguintes palavras para designar partes do corpo e algumas práticas, ligadas à sexualidade, que usamos na pesquisa: **1. Pênis** (genitália externa masculina); **2. Vulva** (genitália externa feminina); **3. Masturbação** (satisfação sexual com a manipulação dos órgãos sexuais); **4. Relação Sexual** (denominação geral dada à fase em que dois animais com reprodução sexuada (mais especificamente o ser humano) realizam a ação física de junção dos seus gametas). Aqui, contudo, nem sempre com o objetivo de reprodução.

Esta pesquisa surgiu de um trabalho como conferencista, quando nos deslocávamos para várias cidades do Brasil, atuando em cursos de formação continuada no campo de Orientação Sexual Escolar. Como a temática Sexualidade na Escola parece mobilizar os/as participantes, fossem professores/as, pais/mães, funcionários/as, equipe diretiva ou alunos/as, pensamos em verificar como se referiam a algumas palavras relacionadas à temática, o que passou a constituir, assim, o fulcro da nossa pesquisa.

Além disso, Ussel (1980) suscitou em nós uma indagação com sua obra *Repressão sexual*, em que trabalhou com vários aspectos em relação à expressão lingüística. Apenas para reforçar o sentido da nossa investigação, o autor diz que na França foram encontrados muitos sinônimos para indicar as partes genitais. Isso ocorria desde a Antigüidade, época em que “[...] não se deveria empregar a terminologia dos anatomistas (pênis, glândula, vagina, útero), mas apenas a expressão ‘órgão da procriação’ para os rapazes e as moças” (p. 211), o que demonstra a repressão sexual desde épocas remotas.

Os dados referentes aos/às participantes da pesquisa, seguem abaixo.

REGIÃO	Participantes	SEXO	FAIXA IDADE	Nº.
Sul	Pais/mães	Feminino	De 18 a 28 anos	126
			De 29 a 48 anos	258
			De 49 a 68 anos	101
		Masculino	De 18 a 28 anos	37

			De 29 a 48 anos	89	
			De 49 a 68 anos	64	
	Professores/as	Feminino	De 18 a 28 anos	143	
				De 29 a 48 anos	373
				De 49 a 68 anos	178
		Masculino	De 18 a 28 anos	73	
				De 29 a 48 anos	117
				De 49 a 68 anos	68
Centro - Oeste	Pais/mães	Feminino	De 18 a 28 anos	139	
				De 29 a 48 anos	248
				De 49 a 68 anos	69
		Masculino	De 18 a 28 anos	63	
				De 29 a 48 anos	104
				De 49 a 68 anos	76
	Professores/as	Feminino	De 18 a 28 anos	104	
				De 29 a 48 anos	290
				De 49 a 68 anos	67
		Masculino	De 18 a 28 anos	83	
				De 29 a 48 anos	174
				De 49 a 68 anos	65
Nordeste	Pais/mães	Feminino	De 18 a 28 anos	105	
				De 29 a 48 anos	108
				De 49 a 68 anos	68
		Masculino	De 18 a 28 anos	32	
				De 29 a 48 anos	67
				De 49 a 68 anos	26
	Professores/as	Feminino	De 18 a 28 anos	83	
				De 29 a 48 anos	137
				De 49 a 68 anos	56
		Masculino	De 18 a 28 anos	58	
				De 29 a 48 anos	129
				De 49 a 68 anos	88
Sudeste	Pais/mães	Feminino	De 18 a 28 anos	40	
				De 29 a 48 anos	116
				De 49 a 68 anos	65
		Masculino	De 18 a 28 anos	28	
				De 29 a 48 anos	64
				De 49 a 68 anos	37
	Professores/as	Feminino	De 18 a 28 anos	45	
				De 29 a 48 anos	231
				De 49 a 68 anos	58
		Masculino	De 18 a 28 anos	21	
				De 29 a 48 anos	109
				De 49 a 68 anos	36
TOTAL				4.916	

Tabela nº1: Tabela com dados dos/as participantes.

A título de esclarecimento porque esta pesquisa não se faz quantitativa, mas sim qualitativa, o número total de pais, em todas as regiões, foi de 686 e de mães, 1.444. Quanto ao número de professores, ficou em 1.021 e das professoras em 1.765. Isso

vem indicar a presença maior de mulheres na educação, e das mães, como mais participantes em encontros, reuniões, atendimentos sobre a filhos/as realizados pelas escolas. Quanto às professoras, ainda se interpreta o magistério como atividade tipicamente feminina. Justifica-se aí uma questão de gênero, em como se situar um espaço que se faz tipicamente feminino. Essa ocupação foi relegada à mulher por ser uma atividade que se baseia na reprodução do espaço privado do lar e por lembrar a rotina de suas casas, bem como os cuidados para com próprios/as filhos/as. Confirma-se, assim, como um espaço profissional que era e ainda é permitido e referendado às mulheres.

Quanto à faixa etária que mais encontramos, entre pais/mães e professores/as, ficou de 29 a 48 anos, as idades de pais/mães com filhos/as em escolas, e professores/as no auge das atividades acadêmicas.

Quanto às dinâmicas, aplicadas num espaço de três anos, tomamos o cuidado de efetuar sempre o mesmo procedimento, como já explicamos. Nesse sentido, a dinâmica ocorreu em 115 cursos, distribuídos em seis estados brasileiros: Ceará, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Santa Catarina, compreendendo as regiões Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste. Evidentemente que há diferenças culturais, mas para a análise de dados essas não foram consideradas.

RESULTADOS

No agrupamento da coleta de dados recolhemos 115 páginas escritas, e o volume pesquisado contemplou o principal objetivo do trabalho, o de analisar a linguagem brasileira sobre sinônimos para nomeação de temas relacionados a sexo/sexualidade.

A análise permitiu a reunião de 5.342 palavras, no total, sobre os temas acerca de sexo/sexualidade. Foram contadas assim por se repetirem. Dessas, 1.308 referiram-se aos temas pesquisados. Dessa forma, por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), as palavras foram agrupadas em quatro conjuntos temáticos: 1) **Pênis**, 2) **Vulva**, 3) **Masturbação** e 4) **Relação Sexual**.

A figura abaixo ilustra o número de sinônimos, distribuídos entre as 1.308 palavras que se referiram aos agrupamentos temáticos.

Em cada situação de coleta de dados uma tabela foi organizada, contendo apenas os 20 nomes mais freqüentes daquele subgrupo de participantes, exceto os sinônimos para masturbação, que não chegaram a esse tanto.

As tabelas com os nomes que mais aparecem em cada grupo servem para uma visualização do que existe em comum entre as pessoas pesquisadas, a título de

exemplificação.

Fundamentando-nos em Bardin (1977), optamos por designar como temática as palavras pesquisadas, e como categoria os sentidos dados a elas; por exemplo: nomes próprios, de animais, comestíveis etc., conforme explicitado na tabela a seguir.

	PÊNIS	VULVA	C	MASTURBAÇÃO	RELAÇÃO SEXUAL
	1.Força, virilidade	1.Força, violência, vergonha	A T	1.Masturbação Masculina	1.Agressividade
	2.Diminutivos	2.Diminutivos	E	2.Masturbação Feminina	2.Suavidade
	3.Nomes Próprios	3.Nomes Próprios	S		3.Modismos
	4.Alimentos	4.Alimentos	O		
	5.Nomes de Animais	5.Nomes de Animais	R I		
		6.Receptáculos	A S		

Tabela 2: Grupos Temáticos e Categorias Pesquisadas

Órgão Sexual Masculino: o Pênis

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/"SINÔNIMOS"/FALAS POPULARES	N.ABSOLUTO
<i>PAU</i>	106
<i>PINTO</i>	105
<i>CARALHO (CARAIO)</i>	94
<i>CACETE</i>	89
<i>BRÁULIO</i>	82
<i>ROLA</i>	73
<i>PIPI</i>	70
<i>BILAU</i>	59
<i>PIRULITO</i>	55
<i>PINGOLIN (PINGULIN/ PIGULIN)</i>	50
<i>PICA</i>	50
<i>PIUPIU</i>	37
<i>PASSARINHO</i>	35
<i>PISTOLA</i>	34
<i>PERU/PIRU</i>	31

Tabela 3: Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Pênis

Este agrupamento temático evidenciou 408 nomes. O mais freqüente foi *Paú*, com 106 ocorrências, conforme consta na tabela acima. Parece que esse nome tem um enorme valor para as pessoas quando citam sinônimos para pênis. Além da simbologia fálica, sugere algo agressivo, que pode ser empregado para matar, machucar, inerente às estimulações dadas aos meninos, desde pequenos, tais como jogos, brinquedos e brincadeiras considerados mais violentos.

Órgão Sexual Feminino: a Vulva

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/"SINÔNIMOS/FALAS POPULARES	N.ABSOLUTO
<i>PERERECA</i>	105
<i>CHANA (XANA)</i>	102
<i>BUCETA</i>	100
<i>PERIQUITA/PIRIQUITA</i>	94
<i>PERSEGUIDA</i>	83
<i>XOXOTA (CHOCHOTA)</i>	79
<i>ARANHA</i>	60
<i>PREXECA (PRECHECA)</i>	54
<i>XERECA/CHERECA</i>	46
<i>XAVASCA (CHAVASCA, JAVASCA)</i>	43
<i>VAGINA</i>	36
<i>XEXECA/CHECHECA</i>	35
<i>CAPÔ DE FUSCA (CAPU DE FUSCA)</i>	33

Tabela 3: Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Vulva

Coletamos 494 palavras para Vulva, e as que mais apareceram estão na tabela acima. Diferentemente dos sinônimos para Pênis, essas palavras exprimem mais suavidade, mais delicadeza, confirmando a questão de gênero.

Prática Sexual: Masturbação

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/"SINÔNIMOS/FALAS POPULARES	N.ABSOLUTO
<i>BATER PUNHETA</i>	58
<i>SIRIRICA</i>	49
<i>CINCO CONTRA UM</i>	41
<i>DESCASCAR A BANANA</i>	31
<i>BATER UMA</i>	24
<i>DESCABELAR O PALHAÇO</i>	23
<i>BATER BRONHA</i>	19

<i>AFOGAR O GANSO</i>	15
<i>ARREPIAR O SABIÁ</i>	14
<i>DESCASCAR O SABIÁ</i>	8
<i>ALIVIAR, GOZAR, MARIQUINHA MARICOTA</i>	7
<i>DESCASCAR A MANDIOCA, MOLHAR O BISCOITO, TOCAR UMA SAFIRA, TROCAR O ÓLEO</i>	6

Tabela 4: Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Masturbação

Foram evidenciados 177 sinônimos para Masturbação. Desses, há uma maioria para demonstrar a masturbação masculina (157 palavras). Em diversas vezes que aplicamos a dinâmica não apareceram sinônimos para a masturbação feminina, e ao denunciarmos isso na leitura dos nomes, os/as próprios/as participantes se espantaram com o fato, principalmente algumas mulheres, que alegavam não ter sequer cogitado a possibilidade de escreverem sinônimos de masturbação para as mulheres.

Interessante também dizer é que, entre os/as participantes, algumas vezes apareceram questionamentos como: Quem se masturba mais, homens ou mulheres? Ou ainda: As mulheres se masturbam? – Essas indagações revelam o preconceito que ainda está enraizado em nossos valores, acreditando-se que a atividade masturbatória seja um comportamento tipicamente masculino.

Prática Sexual: Relação Sexual

PALAVRAS/"PALAVRÕES"/"SINÔNIMOS"/FALAS POPULARES	N.ABSOLUTO
<i>TRANSAR</i>	53
<i>METER</i>	52
<i>AFOGAR O GANSO</i>	50
<i>TREPAR</i>	49
<i>DAR UMA</i>	47
<i>FODER (FUDER)/TCHACA TCHACA NA BUTCHACA</i>	44
<i>COMER</i>	43
<i>NHANHAR (NHANHÁ)</i>	42
<i>MOLHAR O BISCOITO</i>	40
<i>FAZER AMOR</i>	39
<i>TROCAR O ÓLEO</i>	28

Tabela 5: Lista das Palavras mais freqüentes como Sinônimo para Relação Sexual

Para relação sexual ocorreram 229 sinônimos, os quais são mais representativos de um ato humano agressivo, violento, do que propriamente prazeroso, principalmente do homem em relação ao corpo feminino.

Com as palavras encontradas nesta pesquisa, e após a análise das mesmas, referindo-nos à repressão sexual que elas denotam, nos remetemos ao universo escolar, também.

É fácil encontrarmos essas palavras no cotidiano escolar, por meio de verbalizações ou pela escrita nas carteiras, nas portas dos banheiros, em bilhetes, muros etc. As pessoas que as proferem ou as escrevem não são somente alunos/as, mas muitas vezes educadores/as, que, ou por desconhecimento, por falta de esclarecimento, ou por vergonha, acabam reproduzindo esses sinônimos. Principalmente as professoras da Educação Infantil, em sua maioria mulheres, utilizam os nomes dos órgãos genitais da criança no diminutivo, ou então com nomes de bichos, como por exemplo: *pererequinha*, *chaninha* para a vulva, e *pipi* ou *pintinho* para o pênis.

Se a escola é o espaço privilegiado para o saber científico, e não um mero apêndice ou uma continuidade das lógicas do espaço doméstico, assim é fundamental que não reproduza o que ocorre no cotidiano da sociedade. Ao se trabalhar com os nomes estipulados pelo saber da ciência, **Pênis** e **Vulva**, como também os nomes complementares ligados à sexualidade: **Masturbação** e **Relação Sexual**, a instituição educativa pode também se propor a trabalhar um projeto de Orientação Sexual escolar com todos/as os/as participantes desse universo.

É preciso observar ainda, como destaca Louro (2004, p.72), que “[...] sem a sexualidade não haveria a curiosidade, e sem a curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender”. Assim, a escola, que tem a obrigatoriedade e a oportunidade de explorar a curiosidade humana, deve também trabalhar com aspectos gerais da sexualidade, trazendo projetos adequados de Orientação Sexual escolar, para todos/as da comunidade educativa: pais/mães, professores/as, alunos/as, funcionários/as e equipe administrativa e pedagógica.

Louro (2001) apregoa que não se deve atribuir à escola nem o poder nem a responsabilidade de trabalhar e explicar as identidades sociais, determinando-as de formas definitivas, como também não pode ser seu dever exclusivo e decisório atuar sobre as questões de sexo e sexualidade.

Que na escola ocorrem, cotidianamente e em todos os níveis educativos, cenas, eventos, **palavras**, gestos etc. referentes à sexualidade, é incontestável. O que observamos ainda é que a comunidade educativa, entendida como pais/mães,

professores/as, direção, equipe pedagógica, administrativa e funcionários/as acabam provocando, voluntária ou involuntariamente, marcas nos corpos dos/as alunos/as, principalmente em cenas relativas à expressão sexual.

Um corpo escolarizado, portanto disciplinado, é treinado no silêncio e também é capaz de ficar sentado por muitas horas, com gestos, ações e **palavras** treinados para serem comedidos e isentos de sensações mais fortes, como, por exemplo, de quaisquer atributos sexuais.

Kupermann (1999) pergunta qual seria a formação adequada para o/a professor/a poder exercer seu papel na Orientação Sexual. Ou então, quais seriam os atributos que deveria ter para realizar essa tarefa. Com certeza, muita informação a respeito do que seja a sexualidade e suas várias formas de manifestação, em cada período do desenvolvimento humano. Há muito que se fazer ainda nessa área. A escola pode deixar de ser um espaço de opressão e repressão na questão da sexualidade, para se tornar um ambiente efetivamente seguro, livre e educativo para todas as pessoas. E, hoje, não é mais possível que as questões relativas à sexualidade passem despercebidas ou que sejam tratadas com deboche ou indignação moral.

A escola, interditando e se dessexualizando, acaba por permitir ou coibir o “[...] uso de uma **linguagem** da sexualidade que nos diz, aqui, agora, sobre o que falar e sobre o que silenciar, o que mostrar e o que esconder, quem pode falar e quem deve ser silenciado” (LOURO, 2001, p.33, grifo nosso). Os gestos, desenhos, as cenas e **palavras** – como pesquisamos – continuarão a permear o universo escolar, querendo ou não, por mais que os/as dirigentes escolares criem mecanismos de repressão, velados ou explícitos. Não trabalhar, motivar, discutir, dinamicizar a comunidade educativa para um trabalho de Orientação Sexual acaba por perpetuar e proporcionar aos/às integrantes desse espaço – no caso, os/as alunos/as – desconhecimentos, ações deliberadas e escondidas, como sinais de protesto e de provocação.

O debate sobre a sexualidade no espaço escolar se faz necessário, urgente; isto é, dependendo dos significados que se têm para esse discurso. Que não seja desvinculado de seus aspectos culturais, sociais, históricos e pedagógicos!

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira e J. E. M. M. Editores Ltda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. **O corpo educado**

– pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2001, p. 9-32.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**. O sexismo na escola. Tradução de Ana Venite Fuzatto. São Paulo: Moderna, Campinas – SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

SEBRAE. **Adolescência**: administrando o futuro. Curitiba: Bamerindus, 1992.

USSEL, Jos Van. **Repressão sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado** – pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 34-82.

NOTAS:

² A expressão senso comum aqui é entendida como um “conjunto de opiniões tão geralmente aceitas em época determinada que as opiniões contrárias aparecem como aberrações individuais. (AURÉLIO, 1988, p. 594).

² Todos os sinônimos que coletamos são grafados em itálico.